

VOCÊ NÃO SABE O QUE PODE FAZER O NEGRO



A sociedade brasileira de 1984 talvez não pensasse em um movimento com milhares de mulheres negras tomando ruas e marchando por reparação e bem-viver, mas Adélia Sampaio certamente registraria, com maestria, e o mundo saberia “**Que bloco é esse? É o mundo negro, que viemo mostrar pra você!**”.

As vozes da “*América Ladina*” de Lélia Gonzalez se unem e convocam as forças da Consciência Negra a trazer para o centro do debate diversas pautas que, reiteradamente, ou são afastadas, suprimidas, invisibilizadas, ou, simplesmente consideradas de segunda importância, porque, de alguma forma, o mito da democracia racial sobrevive. Após surgir, lá pelos idos de 1930, uma ideologia de que, sob a justificativa de a população ser miscigenada, não havia racismo no Brasil, discursos que até então fluíam com livre trânsito sem maiores questionamentos nas mais altas instâncias de poder e decisão se depararam com um neto de escravizados disposto a defender e lutar por uma “segunda e verdadeira abolição da escravidão”.

Um dos maiores expoentes da história brasileira na política, arte e cultura, Abdias Nascimento combateu, com altivez e vasta atuação, as diversas formas de racismo impregnadas, normalizadas, institucionalizadas e até defendidas pelo parlamento brasileiro, do qual fez parte. No entanto, nenhum dos seus vários projetos de lei apresentados prosperou. A proposta para o **Dia Nacional da Consciência Negra**, por exemplo, passou na Câmara, mas depois foi derrubado no Senado, sendo rejeitado em 20 de novembro de 1985.

A vida parlamentar de Abdias foi mais um capítulo do livro da nossa história escrito com elegantes canetas-tinteiros, mas sem tinta e sem pena nas páginas destinadas à negritude. No entanto, páginas e mais páginas com bela caligrafia e texto do mais fino trato redigiram o pacto da branquitude em prosa, o racismo à brasileira em poesia e um epílogo quase tão convincente quanto o mito da democracia racial, capaz de fazer *O Negro Revoltado* soar como uma obra de ficção.

E seria; e é. As *escrevivências* das mulheres negras são eviscerações de uma negritude constantemente agredida, ferida, usurpada, com direitos questionados, violados e até mesmo negados em diferentes níveis porque assim era, e assim (infelizmente) continua sendo. Insistimos tanto em postergar o tratamento de uma ferida tão profunda, que preferimos acreditar ser questão individual o ônus de ter que lidar com as consequências do que é, inequivocamente, coletivo.



Em um encontro virtual realizado em 2020 para composição da obra “*Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*”, de Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes para um projeto do Itaú Social, Conceição explicou do que se trata: “A construção de personagens brancas em meus textos é sempre representativa de alguma forma de poder. Estão no local de mando. Historicamente, é essa a nossa realidade, e a ficção, de certa forma, também não retira esse personagem desse lugar construído e permanente ao longo da História. Não retira, apenas denuncia. Pela construção dos personagens brancos aponta-se a prepotência, os desmandos, os privilégios do poder exercido pelas pessoas brancas sobre os não brancos.”

As narrativas (bem) mal contadas sobre o povo negro colonizaram o imaginário popular e o senso comum de tantas formas e intensidade que, muitas vezes, não nos damos conta que continuamos a criar *Quartos do Despejo* dos quais milhões de Carolinas Marias de Jesus jamais sairão se não mudarmos. Carolina e Abdias nasceram no mesmo dia, do mesmo ano, ela em Sacramento – MG, ele em Franca – SP. Apesar de ela ter se mudado exatamente para Franca depois de sair de Minas, eles não se conheceram, mas compartilham, além da data de nascimento, a posteridade de legados que trazem, junto com suas biografias, o retrato de um Brasil em uma turnê infinita de *Sortilégio*.

É discurso de meritocracia para cá, teorias do vitimismo negro para lá, “tem tal pessoa (insira aqui qualquer nome de exceção) que conseguiu tal coisa (complete com o exemplo a ser dado e tome como regra) porque todos somos humanos”, e por aí vai... Personalizar e individualizar questões estruturais nada mais é que formalizar o conhecido “se não dói em mim, não é comigo”. Recorre-se às pautas de diversidade e inclusão na perspectiva racial quando da conveniência, mas reduz-se o debate a *Um defeito de cor* assim que cai o valor de mercado das ações de desencargos social e de consciência.

Quando Paulinho Camafeu incluiu em sua música o trecho “Branco, se você soubesse o valor que o preto tem, tu tomava um banho de piche, branco, e ficava preto também...”, não é que era para lançarmos o *blackface a la Imperador Jonas* peruano. Assim como fez Abdias, é para refletir, insurgir e agir, porque a arte imita a vida, mas não dá para ser teatro quando a peça não tem direito a ensaio e é de ato único.

O aprendizado quando não é vivido, sentido, tratado com responsabilidade e verdade, vira encenação de segunda categoria e logo é desmascarada ao menor sinal de alteração do *status quo*. É defender a igualdade de oportunidades, mas achar que “o cotista tomou a vaga” do não cotista; entoar clichês de esforço individual, mas entrar em crise de reconhecimento diante de protagonismos negros; nunca enxergar beleza para além de referências eurocêntricas e ter convicção que se trata apenas de “gosto pessoal e opinião”; estar sempre citando a mesma meia dúzia de referências negras como únicas, “maiores” ou “melhores” por pura preguiça e descompromisso com o assunto... e, novamente: invocar exceções como baliza para, supostamente, contrapor o que no geral, é regra.



Tem muita gente que chegou agora, parou, ainda está, e talvez nem saia mais dessa página: a da crítica vazia que se perde na repetição do que vai para os holofotes. Da completa cegueira para esse nível de despertar, ao menos já houve um avanço. Só que avanço não é sinônimo de progresso e, muito menos, inovação. Prova disso é o tempo, que independente de nós, avança, e nem por isso, durante séculos, progredimos, quiçá inovamos. As tentativas de desconexão com um passado dolorido, ao mesmo tempo em que se fala de reconexão e ancestralidade, abre possibilidades de projeção de futuros a partir de resgate e compreensão da história negra para além do que já havia sido contado e apreendido como verdade.

É possível desafiar os silêncios, reerguer memórias, (re)construir pelos olhos de quem viu, pelas palavras de quem vivenciou. *Ôrì* é, talvez, um dos mais ricos registros que congregam visão e narração na perspectiva de quem trouxe à tona o complexo tecido da diáspora negra no Brasil. Beatriz Nascimento apresentou o quilombo e sua estrutura baseada na circularidade e continuidade, na conexão entre o individual e o coletivo, entre o presente, o passado e o futuro.

A obra nos leva à imersão em múltiplas vivências, sem intenção de definir cada “núcleo” nem narrar uma história linear, única e que se esgota no tempo e espaço, porque *Ôrì* não morre, nem de morte matada, e Beatriz é a prova. Aos 52 anos teve um fim trágico: foi vítima de feminicídio, deixando, além de todo o legado, uma filha.

**"E o povo negro entendeu que o grande vencedor
Se ergue além da dor
Tudo chegou sobrevivente num navio
Quem descobriu o Brasil?
Foi o negro que viu a crueldade bem de frente
E ainda produziu milagres de fé no extremo ocidente"**

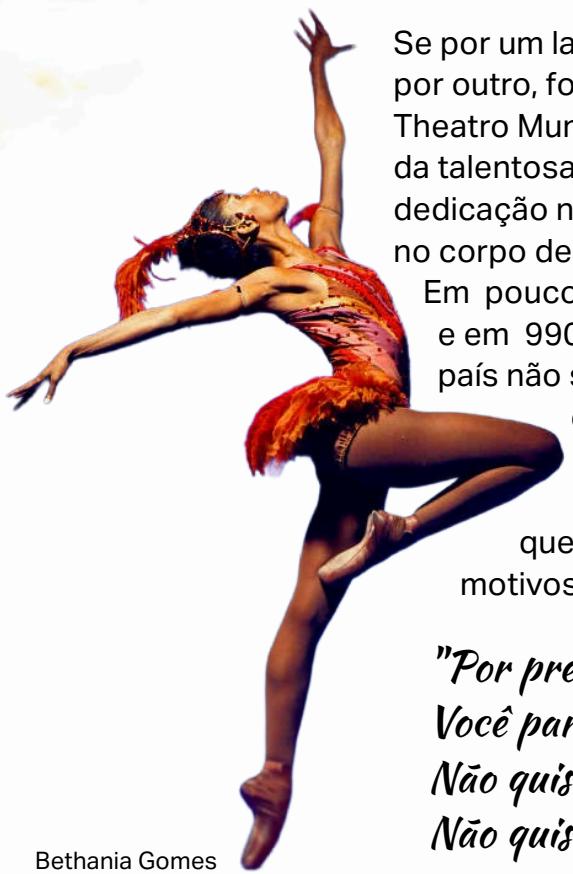
(Caetano Veloso - Milagres do Povo)



Bethania havia apresentado o mundo do balé à filha, que reconhecia na mãe a capacidade de transcrever a sensibilidade, a profundidade, a tecelagem de pensamentos que estavam à frente do seu tempo. É de Bethania Gomes a declaração: "...incentivei a minha mãe a continuar se expressando através da poesia, pois assim eu poderia entender melhor a Beatriz intelectual, pensadora futurista".

**"Eu sei como minha mãe era, o que ela pensava.
Eu ainda sinto o seu ori".**





Bethania Gomes

Se por um lado Bethania guardou os registros "futuristas" de Beatriz, por outro, foram o passado recente e o presente que vivia no Theatro Municipal do Rio de Janeiro que trataram de puxar os pés da talentosa bailarina para a realidade na qual esforço, talento e dedicação não eram suficientes para mantê-la nas pontas dançando no corpo de baile, ainda que seu brilhantismo fosse inegável.

Em pouco tempo ela teve certeza de que não seria lá a sua casa, e em 1990 foi para Nova Iorque. A história não mentia e se repetia: país não sabia aplaudir corpos negros sem antes lhes impor o estigma da subalternidade. Anos antes, em 1948, era

Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Municipal do Rio de Janeiro, quem estava de partida da companhia pelos mesmos motivos de Bethania.

*"Por preconceito de cor você perdeu esse amor
Você parou a canção que tocou no coração
Não quis mergulhar no fundo
Não quis pegar minha mão"*

(Margareth Menezes - Desperta)

Cada corpo negro que resiste, em cada território reinventado como liberdade, é um anúncio da ancestralidade projetando o futuro. Em 2007, de volta ao Brasil, dando aulas no projeto *Dançando Para Não Dançar*, Bethania descobre Ingrid Silva, hoje primeira-bailarina do Dance Theatre of Harlem. A carioca, que durante anos pintava suas sapatilhas com maquiagem, era o resgate do passado dos preconceitos sofridos por Mercedes e Bethania materializando o futuro sonhado por Abdias Nascimento, cujas ideias só vieram a se concretizar anos após sua morte. Ter sapatilhas na cor de sua pele fez de Ingrid mais que um ícone e representante brasileira no cenário internacional, pois no balé a estética é elemento crucial de comunicação (e inclusão).



Ingrid Silva

(Con)ciente do preconceito estético, o **Movimento Black is Beautiful**, nascido no Harlem, inaugurou uma nova forma de comunicação, expressão e valorização do mundo negro. Assim como o Dance Theatre of Harlem, foi o responsável por apresentar e disseminar pelo mundo o empoderamento negro pela reafirmação e orgulho de identidade, não só de origem, competências e valores, mas também de beleza e autoestima.

As formas inovadoras de expressão artística abriram portas e caminhos para outras conexões, tipos de interações e criações as quais o olhar do Óri da Beatriz Nascimento "futurista" certamente contemplaria e captaria a essência do poder neles contidos. Mas como já dito, ele não morre, e criar mundos a partir da ancestralidade é também um olhar de esperança. Podemos ver emergir no afrofuturismo um outro jeito de invocar as forças da negritude para a imaginação subversiva dentro de histórias empreendidas e protagonizadas por pessoas negras.

Não é "racismo reverso", tão distópico e nocivo quanto o mito da democracia racial; é decolonizar o imaginário para desconstruir a lógica eurocêntrica de pensar estética, espiritualidade, cultura, arte, intelectualidade.

Sandra Menezes nos dá *O céu entre os mundos* para pensar, mas precisamos agir nos "mundos entre o céu" para inovar. Primeiro porque, como disse Margareth Menezes, "Sem justiça, reparação e igualdade racial não há democracia"; segundo, que "Não há desenvolvimento sustentável sem igualdade étnico-racial", como bem disse Luciana Santos, presidente do Ipea em missão no Chile. A intenção de iniciativa voluntária do governo brasileiro em criar o ODS 18, voltado para a redução das disparidades étnico-raciais, é uma forma de colocar o combate ao racismo no centro dos esforços para o desenvolvimento sustentável e para o alcance da Agenda 2030.

Há afrofuturismo fora do que parece distópico: é a inovação ao nosso alcance. Fazer diferente, na ação cotidiana, individual e coletiva; é colocar a consciência à disposição da cidadania efetiva, ousar romper com padrões que mantém estruturas de perpetuação de privilégios e bancar o desconforto da mudança. Tirar do papel a foto e falas bonitas da organização diversa e colocar nas cadeiras de decisão quem costuma estar apenas a serviço delas. É deixar falar quem, por tanto tempo, engoliu calado, olhar para a história com humildade e reconhecer que erramos como sociedade, erramos feio, erramos rude. Parar de chamar de ressentimento e vitimismo a dor que não se sente...

**"ELES QUEREM QUE ALGUÉM
QUE VEM DE ONDE NÓIS VEM
SEJA MAIS HUMILDE, BAIXA A CABEÇA"**

(EMICIDA - MANDUME)

Em Ubuntu,

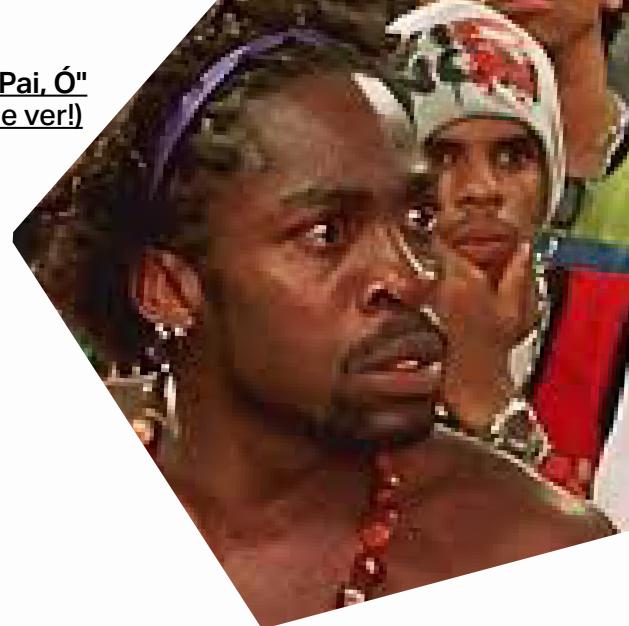
**"Eu sou porque nós somos.
Eu tenho porque nós temos.
Eu posso porque nós podemos."**

Olhe ao seu redor e reflita:

**O quanto de "eu"
há nos "nós"
que você
compartilha?**



Cena de "Ó Pai, Ó"
(não deixe de ver!)



A consciência não vem antes da escuta, e a mudança não ocorre sem consciência

Porque . . .

e

ntender

é o primeiro passo
para mudar a
forma de pensar

VÍDEO: Trecho do voto
de Carmen Lúcia em
julgamento no STF
sobre racismo - por ICL

"Eu não espero viver em
um país em que a
Constituição para o
branco seja plena, e para
o negro seja quase ."



q

uerer

é componente
essencial da
mudança

VÍDEO: LEGADO: O
Programa de Trainee
Magalu exclusivo para
negros (pretos e
pardos)- por Canal da
Lu - Magalu

"Surgiu a partir de uma
constatação, um problema
nosso, até uma incompetência,
eu diria ."



u

nir

é a melhor
forma de enfrentar
grandes desafios

VÍDEO: Viola Davis -
discurso no Emmy
2015 - por Viola Davis |
Television Academy

"Não se ganha prêmios
por papéis que não
existem."



i

nspirar

é plantar sementes
de futuros possíveis

VÍDEO: O que você vê
quando olha para
mim? - por Juliana
Souza | TEDxSaoPaulo

"Que fantasia eu visto para
me fazer digna de ser
escutada?"



Bônus



VÍDEO: Eu, Empregada
Doméstica | Preta Rara -
por TEDxSaoPaulo

peQuiLAB

Laboratório de Inovação e
Desenvolvimento de Pessoas

Escola de Governo | SEAD

(62) 3201-4525

pequi.lab@goias.gov.br